

<http://dx.doi.org/10.17648/eidea-13-1296>

PARA ALÉM DO NARRAR: PROCEDIMENTOS RETÓRICO- ARGUMENTATIVOS EMPREGADOS EM BIOGRAFIAS NACIONAIS

Mariana Ramalho Procópioⁱ

Resumo: Biografias se configuram como um gênero discursivo majoritariamente narrativo e com a incidência expressiva de procedimentos descritivos em sua constituição. Neste artigo, pretendemos, como objetivo central, identificar um fazer argumentativo nas biografias, mesmo sem elas possuírem um dispositivo argumentativo formalmente demarcado. Ancoramo-nos na concepção de dimensão argumentativa de Ruth Amossy (2006) e também em algumas orientações retóricas quanto aos discursos epidícticos, conforme abordagem retórica de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), para quem o gênero epidíctico apresenta as seguintes funções: (i) permitir a identificação do auditório, (ii) reforçar valores, (iii) despertar emoções e (iv) provocar ações. Identificadas tais funções, tentaremos mostrar como elas se materializam nas biografias nacionais contemporâneas.

Palavras-chave: Biografias. Argumentação. Retórica. Dimensão argumentativa.

Abstract: Biographies are configured as a discursive genre mostly narrative and with the expressive incidence of descriptive procedures in its constitution. In this paper, we intend, as main objective, to identify an argumentative making in biographies, even without them having a formally demarcated argumentative device. We are based on argumentative dimension of Ruth Amossy (2006) and also in some rhetorical orientations regarding epidictic discourses according to the rhetorical approach of Perelman and Olbrechts-Tyteca (1996), for whom the epidictic genre has the following functions: (i) to allow audience identification, (ii) to reinforce values; (iii) to arouse emotions; (iv) to induce actions. Once these functions are identified, we will try to show how they materialize in contemporary national biographies.

Keywords: Biographies. Argumentation. Rhetoric. Argumentative dimension.

ⁱ Doutora e Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: marianaprocopio@gmail.com.

Introdução

Narrativas de vida, em seus mais variados gêneros e formatos, despertam atenções em grupos diferenciados de escritores e de leitores. As motivações podem ser pelo sucesso de público e de cifras no mercado editorial e midiático que, sobretudo as biografias, costumam gerar. No caso dos leitores, o interesse pode resultar da busca de identificação e projeção de valores que o gênero suscita desde seus primórdios, mas também por revelar valores e práticas ligados ao voyeurismo e à bisbilhotice.

A biografia costuma ser, por vezes, simploriamente definida como a (re)construção da vida de um personagem, de modo diacrônico. Contudo, entender a narrativa como um simples contar de acontecimentos nos leva a crer que os fatos narrados existem por si só, tal como estão sendo relatados. O encadeamento dos fatos e a relação estabelecida entre eles só se tornam possíveis quando tais acontecimentos são resgatados e, de certo modo, interpretados por alguém. Dito de outra forma, a narrativa só existe, enquanto representação de acontecimentos, quando alguém dá sentido, organiza os fatos relatados. Adam (1999) ressalta que toda representação e, por conseguinte, toda narração, envolve uma interpretação.

Por esse prisma, é necessário dizer que iremos considerar a narrativa biográfica como um discurso estruturado de tal maneira a revelar uma sucessão de acontecimentos, de ações e de estados. Além disso, é possível inserir, na narrativa, antecipações, projetos e formulações futuras. Toda a estruturação é marcada por escolhas, calcadas tanto nas intenções, restrições e estratégias daquele que narra, quanto no universo a ser narrado, no lugar e momento em que essa narrativa se desenvolve e nos valores e imaginários que circunscrevem esse ato de comunicação.

Outra característica importante das narrativas biográficas é a sua ancoragem em crenças comuns, em representações partilhadas na sociedade. Para que as narrativas integrem a memória cultural e discursiva daqueles que a produzem e a recebem e elas façam sentido para uma determinada comunidade discursiva, é preciso que os sentidos vinculados aos imaginários e representações sejam compartilhados.

Se assumidas tais características acima como verdadeiras, somos levados a considerar as biografias constituídas não apenas por uma estrutura discursiva narrativa e descritiva, mas também como gênero revelador de um fazer argumentativo. Essa observação se ancora na proposta de Amossy

(2006) sobre *dimensão argumentativa*, isto é, mesmo não havendo estratégias explícitas de argumentação ou a presença de categorias linguísticas definidoras do fazer argumentativo/persuasivo, podemos identificar em alguns gêneros uma tentativa de influenciar o público ou de proporcionar um compartilhamento de ideias.

Este artigo tem como objetivo observar de que maneira as biografias se apresentam como reveladoras de um fazer argumentativo, mesmo sem elas possuírem um dispositivo argumentativo formalmente demarcado. Em nossa análise, vislumbramos perceber como se configuram os procedimentos argumentativos, sobretudo a partir de um viés retórico-discursivo. Para tanto, escolhemos quatro biografias nacionais para ilustrar nossas considerações: *Carmen: uma biografia; Olga; Joaquim Callado: o pai do choro; e Condessa de Barral: a paixão do imperador*. As duas últimas foram escritas por historiadores¹ e as duas primeiras por jornalistas². Tal recorte foi adotado por materializar uma característica marcante do biografismo nacional, que é a vinculação aos campos discursivos da historiografia e do jornalismo (PROCÓPIO-XAVIER, 2012; GALVÃO, 2005). Nosso objetivo não é realizar uma análise exaustiva de uma obra específica, mas demonstrar como determinados procedimentos retórico-argumentativos podem estar presentes em narrativas biográficas variadas.

1. A argumentação sob uma perspectiva discursiva

Conforme postula Patrick Charaudeau (2008), o modo de organização argumentativo é referente ao processo intersubjetivo que envolve um sujeito que desenvolve uma proposição e outro que é alvo dessa argumentação. O sujeito argumentante tenta expressar uma convicção, uma explicação com o objetivo persuadir seu interlocutor. O analista do discurso define ainda que o sujeito desenvolve estratégias de argumentação de acordo com suas intenções em influenciar seu interlocutor. O dispositivo argumentativo é constituído pela tese postulada e pelos universos de problematização e contextualização, implícito e explícito.

Faz-se necessário ressaltar que a simples existência de um dispositivo argumentativo não garante a argumentação de um texto. Essa depende também dos fatores situacionais, determinados pela situação de troca e pelo

1 André Diniz e Mary Del Priore, respectivamente.

2 Ruy Castro e Fernando Morais, respectivamente.

contrato de fala. O que se pretende dizer é que as asserções e argumentos apresentados nos enunciados serão decodificados pelo leitor a partir do contexto sócio-histórico, do seu conhecimento de mundo e das regras e convenções acordadas na situação comunicativa.

Para que haja a argumentação é necessário que os indivíduos compartilhem a mesma linguagem e as mesmas representações socioculturais. Estabelece-se entre eles um contrato intelectual principalmente por pertencerem aos mesmos contextos sócio-históricos e a um universo de representações em comum, isto é, a uma mesma *doxa*. Assim, o locutor se apoiará em valores compartilhados socialmente e que justifiquem a sua argumentação. Segundo Charaudeau (1992), esses valores estão relacionados aos seguintes domínios de validação:

- *Domínio do verídico*: define, de um lado, a existência dos seres em sua originalidade, autenticidade e unicidade e, de outro lado, o saber como princípio único de explicação dos fenômenos do mundo. Pautada em termos de verdadeiro e falso.
- *Domínio do estético*: define os seres, as representações ou objetos em termos de sua beleza.
- *Domínio do ético*: define os comportamentos humanos em termos de bem ou do mal, certo ou errado, a partir de uma moral externa (leis impostas pela sociedade) ou interna (regras individuais de comportamento). Avalia a realidade a partir de valores como solidariedade, justiça, responsabilidade e disciplina.
- *Domínio do hedônico*: define os projetos e as ações humanas em termos da busca do prazer e de sensações agradáveis ou desagradáveis.
- *Domínio do pragmático*: consiste em definir as ações em termos de sua utilidade e/ou praticidade. Liga-se à experiência que se apoia sobre o que é habitual, durável, frequente ou, por outro lado, o que é único, original, singular.

Por esse prisma, podemos dizer que toda argumentação tem como objetivo principal estimular a adesão de interlocutores a teses, isto é, trata-se de uma tentativa de levar o outro a partilhar uma mesma opinião, de modo a criar nos ouvintes uma predisposição à ação ou uma ação efetiva. A argumentação se desenvolve em um campo de conflitos: as expectativas são

diferenciadas e o próprio entendimento do bom fundamento e bom argumento vai ser relativo.

Alguns gêneros discursivos, contudo, ainda que não possuam um dispositivo argumentativo claramente demarcado, podem ser permeados por uma orientação argumentativa implícita. Abreu-Aoki (2012, p. 150) destaca que “mesmo não tendo, aparentemente, a intenção de convencer, toda a situação comunicativa acaba por exercer alguma influência, orientando maneiras de ver e compreender o mundo”.

Mesmo em gêneros que se organizem de maneira predominantemente narrativa – como as biografias - podemos observar a tentativa de persuadir o leitor sobre determinadas propostas. Conforme Machado (2012, p. 202) “vê-se que o que é buscado, em um discurso ficcional ou semificcional, como o das biografias e outros gêneros que incluem narrativas de vida, é dar ênfase à vida de um ser real, fazendo com que o leitor participe dos temas de reflexão propostos pelo narrador sobre esse sujeito”.

Essa observação se ancora na proposta de Amossy (2006) segundo a qual podemos diferir gêneros com *visada argumentativa* e gêneros com *dimensão argumentativa*. Os primeiros são aqueles explicitamente marcados por um dispositivo argumentativo formal e que tem como objetivo maior a persuasão; nos segundos, não se percebe como objetivo uma empreitada persuasiva, mas podemos verificar uma dimensão argumentativa por meio da mobilização de outros modos de organização do discurso. Nesses casos, mesmo não havendo estratégias explícitas de argumentação ou a presença de categorias linguísticas definidoras do fazer argumentativo/persuasivo, podemos identificar uma tentativa de influência sobre o público ou, pelo menos, de compartilhamento de ideias.

Sob essa ótica, somos levados a crer que a utilização do modo de organização argumentativo não é o único responsável pela argumentação em um texto. Charaudeau (1995, p. 23) comenta que “seja dizendo bom dia, seja fazendo uma conferência, há sempre, sob a aparência tranquila das palavras, uma torrente de significações implícitas”. Ainda sobre a dimensão argumentativa em outros tipos de organização discursiva, Emediato (2008) ressalta que por meio de uma descrição que comporte aspectos de qualificação subjetiva, o sujeito enunciador poderá influenciar seu interlocutor, orientando-o numa possível concordância.

1.1 Contribuições da nova retórica para uma investigação sobre as biografias

A fim de que pudéssemos identificar a instauração de um fazer argumentativo nas biografias, julgamos prudente recorrer também a algumas orientações retóricas quanto aos discursos epidícticos. Dentre as formas mais costumeiramente encontradas, estão o elogio e o encômio. Segundo Aristóteles (2005), o elogio é um discurso que mostra a grandeza de uma virtude, enquanto o encômio é um discurso que trata das ações humanas. Tanto o elogio quanto o encômio, considerados aqui por nós como biografias rudimentares, tinham por objetivo dar exemplos morais, negativos ou positivos. Essa “biografia antiga” dava mais ênfase ao caráter político, moral ou religioso do biografado, do que à pessoa, em sua singularidade. O historiador francês François Dosse (2011, p. 134) complementa que “em um mundo no qual o indivíduo não tem existência a não ser para encarnar um tipo ideal, uma função social, as biografias se unem para elaborar um retrato representativo dos valores esperados nas carreiras da magistratura, das forças armadas e da política”.

Em termos estruturais, o discurso epidíctico, principalmente sob a forma de elogio público, era marcado pela eloquência do orador que tomava a palavra. Geralmente, os valores evidenciados por tais discursos são do domínio estético, como o nobre ou o vil, o belo ou o feio, com o intuito de exaltação do personagem sobre o qual se falava. Na retórica aristotélica, os textos pertencentes ao gênero epidíctico caracterizam-se pela copiosidade das palavras, pela maior liberdade no ritmo, por possuir agudeza e simetria na estrutura das sentenças, além de sonoridade nos períodos. Para a construção do discurso biográfico helenístico, além da descrição direta e da adjetivação, era comum a prática de seleção de pequenos episódios de vida, emblemáticos de uma ou outra característica de caráter do indivíduo biografado.

Assim como nos elogios e nos encômios, encontramos nas biografias ao menos uma tentativa de transmitir um efeito de totalidade na abordagem da vida de um personagem. Para tanto, se discorre não só sobre suas virtudes, disposições e personalidade (como nos elogios), mas também se realça as ações e acontecimentos que a eles estiveram relacionados (como nos encômios). Nesse sentido, podemos dizer que, de certa maneira, as biografias se constituem a partir de uma aglutinação de características do elogio e do encômio.

Na abordagem retórica de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996), o gênero epidítico passa a ter, dentro da Nova Retórica, um lugar central na arte de persuadir: além de reforçar e fornecer as premissas necessárias para legitimar as argumentações dos outros gêneros, ele possui, em si, uma importante influência sobre as ações e disposições humanas. Por esse prisma, é possível dizer que o gênero epidítico apresenta as seguintes funções: (i) permitir a identificação do auditório, (ii) reforçar valores, (iii) despertar emoções e (iv) provocar ações. Enumeradas tais funções, tentaremos mostrar como as biografias contemporâneas as materializam.

2. Os procedimentos retórico-argumentativos em narrativas biográficas: uma análise a partir de biografias nacionais

Começaremos nossas análises procurando demonstrar como as funções do gênero epidítico, enunciadas pela abordagem da Nova Retórica, estão presentes nas biografias. Obviamente que tais funções são consideradas sob o prisma da dimensão argumentativa (AMOSSY, 2006), já que o gênero estudado não é marcado por um dispositivo argumentativo formal.

A primeira função epidítica, a identificação do auditório, é alcançada por meio da atribuição de valores e características ao personagem biografado, que tendem a corresponder às características e valores defendidos por uma determinada comunidade. Em *Carmen: uma biografia*, Ruy Castro tenta desconstruir a imagem de Carmen Miranda como representação do exotismo cultural e sexual, para relacionar sua imagem às balizas de uma ideologia conservadora e tradicional. Por diversas vezes, o biógrafo relata os problemas conjugais, a ânsia pela maternidade e a aversão ao rompimento formal do matrimônio. Aos leitores, é revelado que mesmo um “mito” como Carmen passa por problemas cotidianos e profanos, gerando assim, identificação.

A segunda função que estabelecemos é referente ao reforço de valores. A biografia, assim como os discursos epidíticos, revelam, reforçam e/ou confrontam valores e imaginários difundidos pela sociedade. Em *Condessa de Barral: a paixão do imperador*, a historiadora Mary Del Priore tenta contextualizar a época na qual a história de sua personagem se desenvolve – o período romântico –, para explicar inclusive a conduta e certas atitudes de seus personagens:

O elo que os unia era muito mais forte. Ia muito além das “necessidades primitivas”, nome que se dava ao puro desejo sexual. Era uma mistura sublime de amizade, ternura, entusiasmo pela beleza e o encontro de almas, um sentimento construído num momento histórico especial: o século XIX, o século do romantismo. Ele era Pedro II, o imperador do Brasil. Ela, a condessa de Barral. (DEL PRIORE, 2008, p. 11)

Toda essa contextualização – dos costumes, das ações e das condutas – se faz necessária para ancorar o mote principal de sua narrativa: o relacionamento dos personagens principais e, assim, isentá-los de possíveis cobranças pelo fato dos dois serem casados. Antes que o leitor possa julgá-los ou que aos personagens possa recair qualquer imagem negativa, a historiadora explica que a época em que os personagens viveram, os amores eram marcados pelo sonho, pela fantasia, pela idealização.

A terceira função – o despertar de emoções – também é constantemente verificada nas narrativas biográficas. Em, *Olga*, por exemplo, Fernando Morais não poupa esforços para despertar em seus leitores emoções frente ao sofrimento vivenciado por Olga Benário, a esposa de Luís Carlos Prestes, a comunista judia entregue por Getúlio Vargas ao governo nazista alemão. Na cena em que a polícia nazista obriga Olga a se separar de sua filha pequena, essa função fica evidente:

A polícia não fez rodeios:
– Vista a garota com um agasalho grosso e entregue as roupas dela aos policiais. Viemos buscá-la.
De um salto, Olga atirou-se sobre a filha, prende-a com as mãos sobre o próprio peito e buscou com os olhos, em vão, um lugar onde pudesse proteger-se. Correu para um canto da cela. Comprimindo a criança contra a parede. Assustada, Anita começou a chorar alto. Tomada de desespero, Olga gritava:
– Jamais! Vocês não podem fazer isso! O que vocês querem fazer é um crime inominável! Saiam já daqui! Só se me matarem levarão minha filha! (MORAIS, 1994, p. 204).

Por meio da narração minuciosa, do emprego de determinados verbos e da recriação dos diálogos, a narrativa é investida de um atributo patêmico, capaz de gerar efeitos de pena e dor. A opção por determinadas categorias linguísticas, bem como os imaginários sociodiscursivos relacionados a essa situação – a separação forçada entre uma mãe e seu filho – já condicionam discursivamente algumas emoções.

Por fim, a função de desencadeamento de ações também pode ser verificada. Quando a narrativa biográfica é referente a um artista, é bem

provável que uma das ações desencadeadas seja a procura pelas obras do personagem biografado, a fim de se conhecer, além da vida, a obra de determinado personagem. Essa ação é tratada como objetivo maior da biografia de Joaquim Callado, escrita pelo historiador André Diniz. Já na apresentação da narrativa, o biógrafo revela: “Torço para que esta biografia de Joaquim Callado estimule o leitor a ouvir sua obra, pois este é, sem dúvida, o nosso principal objetivo” (DINIZ, 2008, p. 14).

Mesmo sem possuir um dispositivo argumentativo formalmente demarcado, é possível encontrarmos no interior dessas narrativas uma dimensão argumentativa, na qual determinadas ideias parecem se configurar como supostas teses a serem defendidas. Dentre as principais teses a serem defendidas na organização discursiva, podemos elencar como gerais, duas:

- A tese de que aquela narrativa é realmente a verdadeira história de vida do personagem biografado ou, ao menos, a versão mais plausível da mesma;
- A tese de que a imagem projetada do biografado representa a essência do personagem biografado.

A primeira tese, isto é, a da autenticidade da história narrada, tende a ser a máxima de uma biografia. Ela será construída principalmente pelas estratégias de legitimidade e credibilidade instauradas pelo biógrafo, sobre as quais já discorreremos. O biógrafo se valerá de procedimentos discursivos variados para convencer o seu leitor de que aquela é a história real de seu personagem. No que se refere a tais procedimentos, podemos citar:

- a) *A apresentação e identificação explícita das fontes e a procedência de informações variadas* – este procedimento, entendido como decisivo na construção da credibilidade de um biógrafo e sua biografia, serve para demonstrar ao leitor que o biógrafo realmente investigou a vida daquele personagem. A esquematização argumentativa a ser desenvolvida nesse caso é: se o biógrafo apresenta essas indicações de fonte e procedência é porque foi a partir delas que ele retirou as informações para construir as narrativas. Se elas são realmente existentes e fazem referência às informações trazidas na narrativa, logo elas atestam a autenticidade dos fatos narrados. A seguir, um exemplo:

A recuperação da biografia de Joaquim Callado por André Diniz traz, assim, os nomes daqueles que mantiveram sua lembrança viva no plano da pesquisa histórica. Sem o registro, mesmo lendário, feito pelo chorão Alexandre Gonçalves Pinto, sem a defesa de seu papel fundamental na formação da música brasileira exercida pela folclorista Mariza Lima, e sem os esclarecimentos musicais do maestro Baptista Siqueira, a dificuldade em levantar a biografia de Joaquim Callado, hoje, seria infinitamente maior. (DINIZ, 2008, p. 9-10).

No trecho acima, a historiadora Edinha Diniz, responsável pelo prefácio da biografia de Joaquim Callado, apresenta algumas fontes utilizadas por André Diniz no processo investigativo para a escrita da vida do flautista. O objetivo parece mesmo ser a demonstração da procedência das informações e, assim, legitimá-las.

b) *A indicação das etapas do fazer biográfico, ou seja, as etapas que ele percorreu para construir uma determinada narrativa* – ao indicar as etapas do processo de construção da biografia, o biógrafo evidencia as fases importantes de seu trabalho e relaciona-as às informações coletadas. O funcionamento argumentativo desse procedimento é o seguinte: ao percorrer as diversas etapas de realização do *fazer biográfico* – entrevista, pesquisa bibliográfica, coleta de documentos, visita a lugares em que o personagem viveu etc. – o biógrafo tem acesso às informações necessárias para reconstruir com segurança a vida de seu personagem. Assim, o que ele narra é verdade. Destacamos o exemplo abaixo:

Minha primeira e óbvia investida foi sobre Luís Carlos Prestes. As tardes de sábado que lhe roubei no Rio de Janeiro produziram páginas e páginas de informações, muitas delas inéditas. [...] O passo seguinte exigiu uma viagem à República Democrática Alemã (RDA), onde, ao contrário do que ocorrera no Brasil, localizei um verdadeiro tesouro. Heroína nacional cujo nome batiza dezenas de escolas e fábricas, Olga teve sua memória carinhosamente preservada pelos comunistas de sua terra. Nos arquivos do Instituto de Marxismo-Leninismo, no Comitê dos Residentes Antifascistas ou nos pequenos museus montados no campo de concentração de Ravensbrücke no campo de extermínio de Bernburg (ambos preservados tal como foram encontrados pelas tropas aliadas), obtive cópias de todos os documentos e fotografias referentes a Olga Benário. (MORAIS, 1994, p. 9-10)

No fragmento acima, o biógrafo Fernando Moraes revela todas as etapas de seu trabalho na construção da biografia de Olga. Ao demonstrar em minúcias o seu processo apurativo, ele revela ao leitor a essência de seu ofício, que pode, a partir de então, compreender esse processo e julgar a relevância

dessas etapas na coleta informativa. Essa descrição auxilia também na projeção de uma imagem de si positiva.

- c) A utilização de citação de outrem quer seja de pessoas que conviveram com o biografado quer seja de especialistas no assunto – o uso dessas citações, seja pelo discurso direto ou indireto, comprova aquilo que o biógrafo diz. Assim sendo, se alguém que conviveu com o personagem ou alguém especialista no assunto apresenta uma informação que vai ao encontro das informações trazidas pelo biógrafo, é porque o que ele narra é verdade. Vejamos:

Foram almas gêmeas e unidas até o fim, cujos corações não envelheceram. Souberam modular a distância que os separava por meio de reencontros, conversas e carinhos numa aliança contra a falta que sentiam um do outro. Segundo os biógrafos do imperador, junto com os livros e o Brasil, Luísa foi a sua grande paixão. (DEL PRIORE, 2008, p. 235)

No fragmento anterior, a historiadora Mary Del Priore recorre aos biógrafos de D. Pedro II e, portanto, aos especialistas na história de vida do personagem e, por conseguinte, conhecedores da história do século XIX, para justificar e sustentar a ideia por ela defendida em toda biografia: a de que Pedro e Luísa foram mais do que amantes, foram verdadeiras almas gêmeas. Ainda que a biógrafa não traga nenhuma citação literal dos especialistas quanto a esse assunto, a citação indireta é realizada e nas referências bibliográficas são listadas as obras escritas por tais biógrafos, pelas quais, possivelmente, a historiadora teve acesso a tal informação.

Em síntese, podemos dizer que a indicação das fontes e das etapas do fazer biográfico, tende a se localizar nos espaços prefaciais. Já as citações de outrem costumam ser mais presentes no interior das narrativas.

Conforme apontamos, outro comportamento argumentativo importante em uma biografia consiste na defesa da imagem do biografado. Todas as informações trazidas pelo biógrafo, seja por meio de descrições subjetivas ou objetivas, pela citação de outrem, pela revelação de fontes e documentos, parecem assumir a função de argumentos que irão reforçar e demonstrar a ideia defendida pelo biógrafo. A finalidade da troca comunicativa, as restrições da situação de comunicação, a escolha dos episódios a ser narrados, a demonstração das relações existentes entre eles, os procedimentos de narração e descrição empreendidos, bem como os imaginários

sociodiscursivos mobilizados irão influenciar na construção dessa imagem. A tendência é que a imagem dos biografados seja construída de maneira positiva, ainda que as suas múltiplas identidades sejam reveladas (MACHADO; LESSA, 2013).

O contexto sociocultural e a época de produção de uma determinada biografia podem influenciar diretamente no modo como essas imagens são projetadas assim como nos contornos dessa tal imagem. De maneira geral, é possível dizer que a escrita biográfica, da antiguidade à época contemporânea, tem uma função identificatória, isto é, ela funciona como uma espécie de modelo edificante. Entretanto, o modo pelo qual essa função será cumprida está relacionado com a visão de mundo prevalecente na sociedade da época, como uma espécie de paradigma. Madelénat (1984) propõe a existência de três paradigmas capazes de definir a produção biográfica de uma época:

- Paradigma clássico (até final do século XVII): caracterizado pela separação e relato rígido dos episódios principais da vida do biografado. Os personagens biografados deveriam tipificar virtudes e a características moralmente valorizadas em sua época. Prevalencia o estereótipo do santo e do herói;
- Paradigma romântico (séculos XVIII e XIX): caracterizado pela expressão de uma natureza humana, principalmente da exteriorização da subjetividade, com tom confessional. As narrativas procuravam revelar a existência profunda de um personagem, com seus medos, angústias e pensamentos não antes revelados;
- c) Paradigma moderno (a partir do século XX): os personagens são apresentados em sua “complexidade horizontal”, ou seja, são reveladas as diversas configurações identitárias de um mesmo personagem em situações variadas. A relação paradoxal entre os estatutos artístico e científico das biografias é aqui instaurada: ao mesmo tempo em que se exige uma objetividade, uma espécie de comprovação das informações levantadas, é permitido um envolvimento afetivo entre os envolvidos nessa relação biográfica – biógrafos e personagens. Ademais, prima-se por uma qualidade estética do texto narrado.

Interessante pontuar que, embora esses paradigmas estejam relacionados a contextos temporais específicos, podemos encontrar em uma dada época biografias que se caracterizam pela vinculação a paradigmas variados. Essa localização do paradigma de ancoragem de uma biografia é importante para conseguirmos captar com maior êxito as imagens projetadas pelas biografias contemporâneas. De modo geral, pode-se dizer que uma parte das narrativas biográficas preocupa-se com a materialização de tipos ou de estereótipos, sobretudo com conotações heroicas ou de celebridades, configurando, assim, um vínculo com o paradigma clássico. Nesse sentido, as personagens biografadas tendem a ser percebidas como representantes de determinados modelos pré-construídos, modelos esses relacionados às atividades por elas desempenhadas, à sua ocupação profissional, ao sucesso etc.

Todavia, somos levados a crer que a maioria das biografias contemporâneas tende a se vincular aos ideais preconizados pelo paradigma moderno, no qual um personagem deve ser verdadeiramente esmiuçado. As várias facetas de sua personalidade, bem como as múltiplas identidades que ele assume em virtude dos diversos estatutos sociais ocupados precisam ser reveladas. No entanto, ainda que haja uma tentativa de demonstrar as incongruências e dualismos de cada personagem, a valoração das imagens projetadas terá, geralmente, uma tendência positiva.

A projeção de imagens díspares permite que classifiquemos a biografia de Carmen como exemplar do paradigma biográfico moderno, no qual os personagens são apresentados em sua complexidade horizontal. Para tanto, os diversos domínios do saber serão mobilizados com intuito de ancorarem as representações. Dentre os domínios mais utilizados, destacamos os do verídico, do ético e do estético. Retomaremos, a seguir, um episódio da vida de Carmen na tentativa de exemplificar como esses domínios são mobilizados a fim de construir determinada imagem do personagem.

No início dos anos 40, Carmen teria engravidado de Aloysio, músico do Bando da Lua, com quem mantinha um relacionamento. A gravidez não planejada poderia trazer consequências indesejáveis para a carreira de Carmen, o que a levou a praticar aborto:

O pai da criança era Aloysio de Oliveira. As alternativas para Carmen eram óbvias. Ou se casava rapidamente com Aloysio e inventava uma (fácil) explicação para quando a criança nascesse, menos de nove meses após o casamento - ou assumia sozinha esse filho e encerrava de vez a carreira porque Hollywood nunca aceitaria uma mãe solteira em 1941. Se uma atriz tivesse um

filho fora do casamento, seria melhor que se volatizasse - não lhe bastaria mudar de nome, de rosto ou de país. A carreira de Gloria Swanson, por exemplo, fora liquidada em 1931 por ela ter fugido grávida para a Europa com um playboy irlandês, abandonando seu marido, o marquês de La Falaise. Joe Schenck, então na MGM, cancelou seu contrato, comprou suas ações na United Artists e expulsou-a das duas companhias. Depois disso, Swanson só voltaria a filmar esporadicamente. Bem, o mesmo Joe Schenck era agora o patrão de Carmen na Fox. Além das hipóteses casar ou sumir, só lhe restava o aborto. (CASTRO, 2005, p. 303-304)

Indubitavelmente, a situação apresentada no trecho acima mobiliza o domínio do ético: seria correta a realização de aborto? Para alguns leitores, em função de crenças religiosas, essa prática seria condenada e poderia influenciar a construção de uma imagem negativa da personagem. Numa tentativa de amenizá-la, o biógrafo apresenta outras informações que podem modificar ou, ao menos, diminuir essa conotação:

No futuro, ao admitir que Carmen fizera um aborto dele, Aloysio diria que nunca soube disso na época em que aconteceu - e que só ficara sabendo anos depois, por intermédio de Aurora. Como outras declarações de Aloysio, essa é para ser recebida com cautela - e não apenas porque, numa entrevista gravada, Aurora riu ao ouvir tal declaração. Mas suponhamos que Aloysio não soubesse que Carmen estava grávida dele. Isso transferia automaticamente para Carmen toda a responsabilidade pelo aborto. Significava que, tendo de escolher entre o filho e a carreira, ela não hesitara: preferira a carreira - sem dar a ele, Aloysio, a menor chance de opinar. (CASTRO, 2005, p. 304)

Já, no trecho acima, o biógrafo insinua que Carmen teria cometido o aborto pelo fato de Aloysio não ter aceitado assumir o filho. Essa informação vem implícita na indicação de uma suspeição da fala de Aloysio. Segundo o músico, Carmen nunca teria falado sobre a existência desse filho. Contudo, o biógrafo traz uma prova para sua suspeita da falsidade de tal declaração: o fato de Aurora ter rido do depoimento, indicando assim discordância com o mesmo. A revelação desses detalhes permite que o leitor, que havia condenado o comportamento de Carmen, amenize seu julgamento sobre ela. A fim de desfazer toda apreciação negativa que poderia recair sobre a personagem, o biógrafo arremata:

Essa atitude não se parecia com Carmen. Era notória sua paixão pelos filhos das amigas - no Rio, era madrinha sabe-se lá de quantas crianças. (Às vezes, pedia uma delas emprestada à mãe e só a devolvia horas depois, toda babada de beijos.) Já Aloysio nunca seria um pai dos mais extremados (ficaria muitos anos sem ver uma filha que teria com uma americana). Diante do histórico de um e de outro, é improvável que Carmen não tivesse pensado em legitimar a criança casando-se com Aloysio - e, se ela ainda contemplava a idéia daquele casamento, não podia

haver ocasião melhor. A última e pior alternativa era o aborto - que Carmen, católica como era, via como uma afronta à sua religião. (CASTRO, 2005, p. 304)

No trecho acima, o biógrafo procura isentar Carmen de uma possível culpa pela prática do aborto. O biógrafo oferece elementos para que o leitor conclua que ela não tivera saída e que contrariara também suas crenças religiosas e suas aspirações ao matrimônio. Assim sendo, Carmen se torna vítima de toda essa situação e não mais uma agressora. Além do domínio do ético, podemos observar a mobilização dos domínios do verídico – quando da suspeição das declarações de Aloysio; do pragmático – quando da necessidade de realização do aborto em função da falta de apoio do parceiro e das pressões sociais às quais estava submetida; e do hedônico – em função das sensações e sentimentos de piedade, revolta e compaixão que a situação pode gerar.

Esse trecho é capaz de caracterizar a essência da personagem Carmen: uma mulher que tivera que se arriscar e até se prejudicar a fim de conseguir alcançar um sonho. Uma mulher que ousou e não poupou esforços para alcançar seus objetivos. Em algumas vezes, os sonhos tiveram que ser escolhidos e a privação de um deles lhe deixaria marcas por toda a vida.

Considerações finais

Por meio de uma análise do discurso ancorada principalmente nos trabalhos de Amossy (2006) e Charaudeau (2008), verificamos, neste artigo, alguns procedimentos argumentativos das narrativas biográficas, sobretudo a partir de um viés retórico-discursivo. Nosso corpus foi formado por quatro biografias nacionais *Joaquim Callado: o pai do choro; Condessa de Barral: a paixão do imperador, Olga; Carmen: uma biografia.*

Em síntese, ainda que as biografias não tenham se caracterizado pela apresentação de um dispositivo argumentativo clássico, foi possível perceber a estruturação de uma dimensão argumentativa, isto é, a indicação de algumas ideias principais e a mobilização de argumentos para a defesa das mesmas. No geral, essas ideias defendidas dizem respeito a uma construção de imagem verdadeira para a biografia em si e de uma imagem positiva para o personagem.

Notamos que as principais teses encontradas em uma biografia não só tendem a se referir à defesa da ideia de autenticidade da própria biografia mas

também à sustentação de uma imagem positiva para o personagem biografado. Contudo, outras imagens podem ser reveladas no interior de uma narrativa biográfica. Um estudo mais profundo pode nos revelar, por exemplo, imagens e imaginários sociodiscursivos sobre o biógrafo ou mesmo sobre o campo de ancoragem ao qual uma biografia se relaciona.

De maneira geral, é possível dizer que a escrita biográfica, da antiguidade à época contemporânea, tem uma função identificatória, isto é, ela funciona como uma espécie de modelo edificante. Por mais que as narrativas biográficas atuais se apresentem enquanto narrativas mais complexas e organizadas de modo a contemplar as diversas facetas do personagem biografado, elas ainda procuram projetar o biografado com viés por vezes romantizado e/ou heroico. A projeção de imagens se relaciona também ao desenvolvimento de estratégias discursivas de captação por parte da instância produtora dessas narrativas.

Referências

- ABREU-AOKI, Raquel. L. **A construção narrativo-argumentativa da imagem de um presidente na biografia Getúlio Vargas para crianças**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- ADAM, Jean-Michel. **Le récit**. 6.ed. Paris : PUF, 1999.
- AMOSSY, Ruth. **L'argumentation dans le discours**. 2^e Ed. Paris : Armand Colin, 2006.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. 2.ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.
- CASTRO, Ruy. **Carmen: Uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. Ce que communiquer veut dire. **Revue des Sciences Humaines**, n.51, p.20-23, 1995.
- _____. **Grammaire du sens et du discours**. Paris: Hachette, 1992.
- DEL PRIORE, Mary. **Condessa de Barral: a paixão do imperador**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- DOSSE, François. **Le pari biographique : écrire une vie**. 2.ed. Paris : La Découverte, 2011.
- DINIZ, André. **Joaquim Callado: o pai do choro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

EMEDIATO, Wander. Os lugares sociais do discurso e o problema da influência, da regulação e do poder nas práticas discursivas. In: PROENÇA, Gláucia Muniz; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (Org.). **Análises dos discursos hoje**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. v. 1. p. 71-91.

GALVÃO, Walnice Nogueira. A voga do biografismo nativo. **Estudos Avançados**. v.19. n.55. São Paulo, p. 350-366, set./dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000300026&script=sci_arttext. Acesso em 02 ago. 2016.

MACHADO, Ida Lucia; LESSA, Cláudio Humberto. Reflexões sobre o gênero narrativa de vida sob o ponto de vista da Análise do Discurso. In: JESUS, Sérgio Nunes; SILVA, Sueli Maria Ramos. **O discurso & outras materialidades**. Cacoal: Pedro & João Editores, 2013, v. 1. p. 102-122.

MACHADO, Ida Lucia. Algumas reflexões sobre elementos de base e estratégias da Análise do Discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 20, n. 1, p. 187-207, 2012.

MADELÉNAT, Daniel. **La biographie**. Paris: PUF, 1984.

MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a Nova Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PROCÓPIO-XAVIER, Mariana. R. **A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo**. Tese (Doutorado em Linguística do Texto e do Discurso). Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

Forma de citação sugerida:

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Para além do narrar: procedimentos retórico-argumentativos empregados em biografias nacionais. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 13, p. 139-155, jan/jun.2017.

Recebido em: 26/01/2017

Aprovado em: 31/05/2017